



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Redeclenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

A palavra como possibilidade de (re)invenção da vida: a escrita autoficcional de Eliane Brum

Gabriele Araújo Batista¹; Alana de Oliveira Freitas El Fahl²

1. Gabriele Araújo Batista, PIBIC/CNPq, LETRAS-LINGUA PORTUGUESA, e-mail: gabrielearaujo228@gmail.com

2. Alana de Oliveira Freitas El Fahl, DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES, e-mail: aofefahl@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: escrita de si; autoficção; Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma análise da obra “Meus desacontcimentos: a história da minha vida com as palavras”, da jornalista e escritora brasileira Eliane Brum, a partir da noção de autoficção, numa investigação sobre as estratégias ficcionais utilizadas pela autora que, ao narrar as suas memórias, especialmente as da infância, transforma a si mesma em personagem. Buscamos, afinal, compreender qual(is) lugar(es) a obra pode assumir na variada paleta das “escritas de si”. Para tal fim, contamos com as contribuições de Faedrich (2015), de Moraes Jacques (2020) e Figueiredo (2022) acerca das “escritas de si” e da autoficção, e com estudos sobre a presença da memória na obra analisada, a partir de Cordeiro (2020) e da Costa (2020). Propomos, por fim, que a produção se apresenta como uma escrita “autobiografemática”, a partir da noção barthesiana de biografema.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa é de caráter qualitativo e tem base bibliográfica. Foram consultados livros, artigos publicados em periódicos especializados e conteúdos audiovisuais sobre a temática. Após a leitura e o fichamento da obra analisada, bem como dos referenciais adotados, demos início à análise do *corpus*.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

As narrativas pertencentes ao campo das “escritas do eu” se manifestam de diversas formas na literatura, sendo uma delas a autoficção, definida pelo criador do termo, o escritor e crítico francês Serge Doubrovsky, como uma “ficção, de fatos e acontecimentos estritamente reais” (DOUBROVSKY, 2014, p. 120). Ressaltando a inexistência de um consenso teórico sobre o tema, Faedrich (2015, p. 46, 47) aponta que o diferencial que a autoficção apresenta com relação às demais práticas da escrita sobre si reside no pacto estabelecido com o leitor, que rompe com o princípio da veracidade (pacto autobiográfico), mas não adere totalmente ao princípio da invenção (pacto ficcional). Constitui-se, assim, como um pacto ambíguo, oximórico.

Em “Meus desacontcimentos: a história da minha vida com as palavras”, a jornalista e

escritora brasileira Eliane Brum narra a sua trajetória pelo universo das Letras, focalizando a relação visceral que estabelece, desde sempre, com as palavras. Para isso, percorre, especialmente, memórias de sua infância, mas também abarca momentos da vida adulta, incluindo a sua prática como repórter. Ela afirma, desde o início da obra, a sua crença na potencialidade das palavras como criadoras de sentido para a vida, e na possibilidade que cada um tem de (re)inventar sua própria existência a partir delas. Apoiada nessa defesa, a autora (2014, p. 9) avisa que, ao longo da narrativa, os leitores encontrarão a sua memória, da qual ela é a que nasce, mas também é a parteira.

Os posicionamentos assumidos pela repórter ao longo da obra revelam o seu desejo de que as suas memórias, ali compiladas, não fossem tratadas como verdades incontestáveis, pois elas representam tão somente as suas interpretações dos acontecimentos narrados, que seriam contados de outras maneiras por outras pessoas que os vivenciaram. Nessa perspectiva, a autora afirma, em outra produção de sua autoria, que a obra “não é uma autobiografia, bem longe disso, mas o itinerário de uma criança constituída pelas palavras” (BRUM, 2017, p. 362). Assim, esta pesquisa propõe que o livro se trata de uma produção autoficcional, concordando com Figueiredo (2022, p. 93) ao apontar que, em autoficção, “a parte da ficção não significa fabulação, inventividade ou fantasia, mas o tipo de linguagem”. Nossos estudos se debruçaram, portanto, sobre essa linguagem e o modo como ela se desenrola na obra. Assim, considerando que “os ‘desacontecimentos’ não são inventados, mas trazidos da memória e apenas organizados estrategicamente para o fim estético desejado” (de Moraes Jacques, 2020, p. 9), a pesquisa investigou os mecanismos pelos quais a autora cria, no enredo, uma personagem, um espaço e uma ambientação, a partir da seleção e organização de suas recordações.

Nessa direção, as análises revelaram, antes de tudo, que a jornalista não tinha a pretensão de esconder do leitor a dimensão seletiva de suas memórias, pelo contrário, ela acentua que a memória “é uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro” (BRUM, 2014, p. 84) e ainda que “o passado só existe a partir de um narrador no presente que é tanto um decifrador quanto um criador de sentidos” (BRUM, 2014, p. 89). Nessa perspectiva, há passagens no livro em que a repórter compartilha com o leitor que está ficcionalizando seus acontecimentos passados, como quando confabula sobre o funcionário que pôs uma perna a mais no “N” do sobrenome de seu avô, que, chegando ao Brasil com o nome Pietro Brun, se transforma em Pietro Brum, pela displicência de um funcionário do Governo.

Numa segunda análise, propomos que a repórter, ao reunir de forma fragmentada suas memórias, seus (des)acontecimentos, acaba por construir uma espécie de “autobiografia esburacada”, composta por “autobiografemas”, entendendo-se por biografema a noção barthesiana que o apresenta como o fruto de “uma biografia ‘esburacada’, reduzida a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’” (BARTHES, 2005a, p. xvii *apud* FIGUEIREDO, 2022, p. 34). O livro de Brum se apresenta justamente em oposição a uma autobiografia linear, e se constitui a partir da reunião dos traços biográficos selecionados pela autora, sendo estes ligados, como o título indica, à sua íntima relação com as palavras. Se para Barthes “a fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema tem com a biografia” (BARTHES, 1984, p. 34 *apud* FIGUEIREDO, 2022, p. 34), a obra não pretende apresentar a (auto)biografia da jornalista, mas apenas alguns recortes de sua história, alguns biografemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra analisada neste trabalho inicia com a afirmação de que a “nossa vida é a nossa primeira ficção” (BRUM, 2014, p. 9). Tal postura, assumida logo de início e mantida ao longo de todo o enredo, nos conduziu em direção a nossas análises, que revelam, afinal, que a produção pode ser considerada autoficcional, entendendo a autoficção não como um gênero novo, mas como uma perspectiva de análise, que nos propicia pensar sobre a posição híbrida ocupada por essa e por tantas outras obras na contemporaneidade no vasto universo das chamadas “escritas de si”. Ao organizar as memórias de sua infância focalizando a sua história com as palavras, Eliane Brum apresenta ao leitor o seu itinerário particular, composto pelos (des)acontecimentos que a formaram como pessoa e como escritora e jornalista. A ação de se autonarrar não é isenta de esforço estético e carrega consigo os vestígios de fabulação que toda recordação, em suma, traz em si, e essa dimensão seletiva e imaginativa da memória é assumida pela repórter em diversos momentos no livro. Concluímos, afinal, que a obra ocupa o seu lugar na diversificada paleta das escritas de si, constituindo-se – propomos, a partir da noção barthesiana de biografema – como uma escrita autobiografemática.

REFERÊNCIAS

- BRUM, Eliane. *O olho da rua*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Editora Leya, 2014.
- DE MORAES JACQUES, Jeferson. *O(s) lugar(es) de Meus desacontecimentos, de Eliane Brum, na diversificada paleta da autoficção*. Letrônica, v. 13, n. 1, p. e35147-e35147, 2020.
- DOUBROVSKY, Serge. O ultimo eu. Título original: Mon dernier moi - Tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 111-125.
- FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *ITINERÁRIOS–Revista de Literatura*, 2015.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas*. 1ª ed., Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.